

P. DE A. PESSÔA DE MELLO

# NATAL DE HONTEM

**Figuras e Fatos de Minha Geração**

Conferencia na Academia Norte Rio  
Grandense de Letras em 24-1-1962

NATAL



P. DE A. PESSÔA DE MELLO

No Ambuicio Social,  
Vale este legionario da  
epoca do "Le Monde Marché",  
Congratulante o  
Benção a Mello

Natal  
7.62

# NATAL DE HONTEM

Figuras e Fatos de Minha Geração

Conferencia na Academia Norte Rio  
Grandense de Letras em 24-1-1962

BIBLIOTECA  
Instituto Histórico e Geográfico  
do Rio Grande do Norte

NATAL

P. DE A. PESSOA DE MELO

BATALHA DE NORTEN

1812

Arquivo de História do Rio Grande do Norte  
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte  
Nº. Reg. 24.702

Minhas Senhoras  
Sr. Presidente da Academia Norte  
Rio-Grandense de Letras  
Srs Acadêmicos  
Meus Senhores

Sejam minhas primeiras palavras as do meu agradecimento à Academia Norte Rio-Grandense de Letras convidando-me para ocupar a sua tribuna para dizer algo sobre "NATAL DE HONTEM E FIGURAS E FATOS DE MINHA GERAÇÃO". Duas personalidades dêste sodalício e cujos nomes declino aqui com simpatia — os Drs. Manoel Rodrigues de Melo e Raimundo Nonato da Silva — são os responsáveis por esta palestra.

Idéada por êles, recebi dos mesmos (a tirania da amizade!) a intimação de realizá-la. E aqui estou — pondo de lado a responsabilidade da tarefa e a desvalia do conferencista.

Insisto na honrosa deferência dessa Academia — trazendo-me á sua casa, deferência que é aqui agradecida *ex-abundantia cordis*.

Medeiros de Albuquerque dizia — o EU é horrível e falar sobre o mesmo mais horrível ainda.

A dominante, o *leit motiv* desta palestra diz respeito a uma geração da qual fui parte.

Sou forçado, assim, a, de quando em vez, tocar na minha pessoa. Não vejam porém, nisso nenhum laivo de vaidade — figuro aí como simples dado cronológico. nada mais do que isso.

Não desconheço o conceito jurídico contemporâneo de Justiniano, da velha Lácio, "Una testis, nulla testis".

Ante essa perspectiva, em imaginação, como num golpe de mágica, vejo-me ante um tribunal onde um juiz, solene em suas vestes talaes, mandando o meirinho apregoar em

alto e bom som o meu nome faz-me erguer o braço naquele gesto simbólico e prometer “só dizer a verdade, nada mais que a verdade”.

\* \* \*

*NATAL* — Crepúsculo da centúria passada, alvorecer da atual.

Cidade modesta, tranquila, bipartida nos seus dois bairros característicos — Ribeira e Cidade Alta.

Dados oficiais davam-lhe à época 20.000 mil habitantes. Topografia escassa, reduzida. Poucas ruas calçadas. Iluminação incipiente. Limites de pequena extensão. Na Ribeira a cidade terminava à altura da rua Silva Jardim e terrenos adjacentes do Cais do Pôrto. Além, falava-se nas Rocas — escasos ranchos de pescadores isolados pela distância.

A Cidade Alta findava no Baldo, de tantas tradições na vida da cidade, hoje desaparecido ali na extremidade da atual Avenida Rio Branco. É uma reminiscência citadina. Suas águas se transformaram num bosque de árvores farfalhantes. É o atual Horto Florestal. Para além dêsse limite havia o Cemitério e o Lazareto — Hospital de Isolamento — cujo acesso era feito por uma ladeira arenosa, esburacada pelas constantes enxurradas. Tão penosa era essa subida que nos enterros, (isto era coisa sabida e passada em julgado) — os que acompanhavam o féretro sentiam-se desobrigados da missão voltando d’ali.

A subida, íngreme, justificava isso. Por mais numeroso que fôsse o acompanhamento do cortejo fúnebre êste chegava ao cemitério só com a família e os carregadores. A ladeira afugentava os demais.

—A’ altura da atual igreja de São Pedro havia à direita de quem sobe um projeto de rua — meia dúzia de casebres. Seus moradores, gente humilde, mantinham no peitoril de suas janelas, latas, jarros de todos os feitos, todos cheios de *alecrim* — o arbusto conhecido por todos nós.

Muitos natalenses veem nisso a razão do nome de *Alecrim*, — dado ao bairro surgido posteriormente naquelas bandas.

O Desembargador Antônio Soares pensa assim. Mas essa cidade humilde, na sua modéstia, possuía predicados próprios, característicos, inatos à formação de sua gente.

Ausência de diversões — não havia teatro, lá de quando em quando a visita esporádica de um mambembe cujo repertório não primava pela essência e se exibindo num armazém desocupado e, pelas circunstâncias, promovido a teatro; quasi sempre isso se dando na Ribeira, local do comércio em grosso da cidade. Havia mesmo um armazém mais procurado para essas funções e localizado na rua Chile, na vizinhança do Palácio do Govêrno.

Nos dias de espetáculo o grupo teatral tinha um meio seguro de calcular a enchente ou a vasante da função pelo numero de cadeiras na sala promovida à platéia. Estas cadeiras eram mandadas pelos futuros expectadores, logo à tarde para melhor colocação e eram fixadas por um barbante unindo umas às outras, devidamente autenticadas por uma tira de papel colada às costas com o nome do dono. Tantos expectadores tantas cadeiras. A Companhia de antemão podia calcular o sucesso ou o fracasso da função, pelo número de cadeiras mandadas.

Terminada a função dava-se a dupla retirada — expectadores e mobiliário ambos demandando a penates. Assim o Armazém-Teatro voltava então à solidão antiga — nem gente nem assentos.

Por essa época surgiram os primeiros gramofones, raros, imperfeitos, movidos à manivela, corneta de funil, de voz rouquenha, desagradável.

O cinematógrafo, então no nascedouro, só existia nos grandes centros. Não surgira a coqueluche do *foot-ball* — mas a despeito dessa vida de marasmo o potiguar não morria de tristeza... Cantava... fazia serenatas ao luar ou em noites escuras. Vozes famosas — José Lucas, Aristóteles, Deolindo S. Lima — faziam época. Violões afamados como os de Heronides França e Cavalcanti Grande dominavam a cena nas noites natalenses.

A gente moça cultivava a dança e não se dançava pouco. Inda persistia a quadrilha — reminiscência galante já em declínio.

É cabível aqui a pergunta: numa cidade modesta, como se dançava tanto? Fácil a resposta: — escolhia-se a residência de uma família amiga e a clássica hospitalidade dos donos da casa garantia o sucesso. A orquestra — qual orquestra? O piano familiar era o ponto alto (havia sempre um pianista à mão — em breve apareciam biscoitos, um pouco de vinho Rocha Leão tudo acrescido do que havia na dispensa da casa séde do assalto e o *assustado* (assim se chamava essa partida familiar) realizava todo o seu programa — alegria, respeito, familiaridade, indo a festa no máximo até a meia noite.

Ao terminar uma dessas reuniões já estava iniciada o local da próxima.

E nessa atmosfera de amizade corria o tempo para a juventude natalense.

As residências de Cícero Moura e Uldarico Cavalcanti, ambas na rua do Vigário Bartolomeu, eram os locais mais preferidos para essas festas.

Via de regra, as danças eram precedidas por números de recitativos, costume muito em voga. Neste particular havia verdadeiros artistas na arte de declamar. Excelente memória, boa dicção, repertório do que havia de mais escolhido no gênero poesia.

A' época dominava em cheio a Escola Parnasiana, o que vale dizer que era o tempo de Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e *tutti quanti*...

De quando em quando um dissidente quebrava a unanimidade e lá vinha uma produção de Cruz e Souza, B. Lopes e às vezes mesmo, uma tradução de poesia francesa.

A grande massa da população, por outro lado, não morria de tristeza. Ao contrário, divertia-se bastante, a seu modo, e à semelhança de Mr. Jourdan que fazia prosa sem se aperceber, essa população mantinha, sem caso pensado, a tradição da poesia inata à sua gente — o relato de façanhas de antanho, guerras entre povos destemidos, tudo se resolvendo pela

bravura, pelo denôdo e pela força, viagens maravilhosas por “terras e mares nunca dantes navegados” e assim fazendo mantinha acesa a lâmpada maravilhosa da poesia popular, que é como quem diz do nosso — *folk-lore*.

E a cidade, em certas épocas do ano, trepidava ao clamor dos “Bumba-meu-boi, dos Congos, das Nau-Catarinetas, na sua faina arrojada de descobrir novas terras, sempre sob o comando de um Almirante, de dragonas, cheio de medalhas, só falando aos gritos à marujada.

Dezembro abria outro capítulo em manifestações populares. Em determinadas residências armavam-se *presépios*.

Manifestações domésticas de religiosidade caseira.

O melhor aposento da casa se transformava em capela abrigando religião e paganismo pelo complexo de sua apresentação — um altar exibindo uma série de imagens e símbolos religiosos tudo isso *encimando a mangedoura* ponto alto da exibição e onde se viam lado a lado personagens os mais diversos: pastores com seus rebanhos, centuriões romanos, legionários com escudo e lança, sem falar nos animais — bois, cavalos, dromedários.

Ao alto o céu resplandecente, rico de núvens de gaze fina onde brilhava soberana a *Estrêla*, a mesma que guiara os passos dos Reis Magos ali presentes com as suas oferendas de mirra, incenso e ouro.

Na rua 21 de Março — hoje Gonçalves Lêdo — viam-se os presépios de Apolinário Barbosa e o de Faustinião Leiros.

Na rua da Conceição e do Cel. Pedro Soares. Na rua do Fogo era admirado o de Dona Perpétua.

Ponto alto desta lista era o presépio de Dédé (dona Edeltrudes de Oliveira Camboim) à rua da Estrêla — depois José de Alencar. Nos festejos natalinos Dédé fazia-se notar pelo bom gosto do seu presépio como pelo imenso repertório de cantos, cenas dramáticas, duetos, tudo retido na sua prodigiosa memória.

Seria injustiça não falar na habilidade com que tocava pandeiro.

—Seis de janeiro — dia de Reis — fechava êsse ciclo de comemorações unguidas da mais sadia alegria e tradição religiosa.

\* \* \*

Há uma grande analogia entre presépios e lapinhas — manifestações religiosas de caráter popular atingindo o mesmo alvo — glorificar o nascimento de Cristo.

A Lapinha, de caráter mais ruidoso, de aspecto mais festivo, se caracterizando pela dança de suas pastoras.

Estas, em duas filas paralelas executavam seus passos coreográficos entoando canções com acompanhamento de maracás...

Uma mestra e uma contra-mestra cada uma à frente de uma fila dirigiam a festa. As pastôras, à custa de treinos, eram incansáveis.

Dançavam largas horas. Tôda a Lapinha importava na existência de dois partidos — *azul e encarnado* correspondente a cada uma das filas.

Os partidários de um e de outro não poupavam esforços para a sua vitória. Aplausos, vivas, manifestações às vezes bem ruidosas de parte à parte, no interêsse de um sobrepujar o outro. Êsse entusiasmo se manifestava de várias formas— dádivas generosas às pastôras do seu cordão, lances altos, avantajados nos leilões de prendas ali mesmo realizados não importando a objeto leiloado — um pão de Lot, um frasco de perfume, um lenço de renda.

O entusiasmo pelos partidos das “lapinhas” se infiltrava por tôdas as camadas da população — ou o *azul* ou o *encarnado*, indiferente é que não podia ser. Êsse entusiasmo se manifestava ora discreto ora abertamente, às vezes, mesmo, com alarde.

Felinto Manso, homem de posses não escondia sua predileção que é como diz generosidade para galardear a tudo que se prendesse ao *CORDÃO AZUL*.

Ao lado dêsse Guelfo aparecia um Gibelino — no caso Miguel Barra — desarrumando as prateleiras de sua loja para melhor servir aos admiradores do *CORDÃO ENCARNADO*.

Nessa onda de entusiasmo havia uma nota se destacando de maneira ruidosa. Talvez haja nisso uma parcela da rivalidade entre Canguleiros e Xarias. Na Ribeira, nas proximidades da Igreja do Bom Jesus, havia uma lapinha que deixou tradição.

Era a Lapinha mais falada do bairro. Ferreira Itajubá, jovem poeta da terra, fazia dêsse pastoril o tablado para as suas exhibições. Era de ver-se o ardor com que êle, logo no início das festas, anunciava o seu entusiasmo ostentando noite e dia um escandaloso colete encarnado, mostrando desta maneira *coram populo* o partido de sua predileção.

Êle ia à luta com um capital que os seus antagonistas não possuíam — uma versalhada ardente, apaixonada, no mais puro estilo condoreiro, tudo a serviço da beleza, da graça das dançarinas do cordão encarnado.

Após a festança, já na rua, se os ânimos não se conformavam, com o resultado—vitória de um lado, (consequente derrota do outro) ai então vinha o último argumento — sopapos, bengaladas, cabeças quebradas, e a polícia entrando em cena e dizendo a última palavra...



## - Cantões -

Um dos aspectos mais curiosos da vida natalense à época a que nos reportamos é aquele a que se refere ao costume de uma parte da população — políticos, empregados públicos de categoria, altas figuras do comércio se reunir em grupos em determinados lugares — para conversar. Criou-se assim o CANTÃO.

Um grupo de amigos — sem número definido, diariamente, á certa hora, se encontrava na calçada da residência de um deles — sempre o mesmo — e colocadas as cadeiras estava reunido o conclave.

Havia vários cantões na cidade, cada um com o seu feito próprio.

Assim, por exemplo, o da Gameleira — à Praça da Alegria, atual Praça João Maria. Era o mais antigo e o mais temido cantão da cidade. Temido pela crítica sempre ferina, sem meio termo. — ou o elogio exagerado ou a condenação sem apêlo. Figuras respeitáveis compunham êsse grupo — entre elas José Bonifácio da Câmara, Joaquim Guilherme, Francisco C. Seabra de Melo, Manoel Porfírio de Oliveira Santos. Figuras exponenciais da família potiguar. Às vezes a tertúlia terminava numa peixada — na residência de Joaquim Guilherme, núcleo do Cantão cuja casa corresponde hoje ao consultório do Dr. Vilar.

Na antiga Rua Nova — Av. Rio Branco de hoje — existia outro Cantão na residência de Urbano Hermilo, empregado da Fazenda, no local onde hoje existe a Paulicéa.

Nesse Cantão não se cuidava de política. A nota dominante de suas palestras era Arte, Literatura. Entre os seus "habitués" se contavam, Henrique Castriciano, Alberto Maranhão os irmãos Wanderley (Celestino e Segundo), Manoel Dantas, Pinto de Abreu, Pedro Soares.

Regia o curso de inglez o professor Odilon Garcia — sempre bem humorado. O nosso livro era a “Estrada Suave”, nem sempre justificando êsse adjetivo, pois não eram raros os trechos difíceis. Quando em nossas lições topávamos com um desses safávamos da dificuldade, lendo em voz mais baixa e depressa. Contávamos com um fator a nosso favor — a surdez do professor. Com êste artifício transpunhamos o *Rubicon*.

De quando em quando apareciam por aqui professores vindos de fora — abrindo cursos particulares.

Assim tivemos Manoel Garcia, egresso da Escola Militar, ensinando matemática, o Dr. Guimarães engenheiro vindo para as obras do pôrto, dando aulas de Geografia e História. Fui seu aluno. As lições eram ministradas à noitinha na calçada de sua residência, ali nos fundos da Igreja do Rosário. Aulas curiosas, cheias de atrativos.

Homem de vasta cultura o Professor Guimarães era o tipo do mestre para nós desconhecido — suas lições eram palestras sem aquêle tom dogmático do *magister dixit* tão em voga na época. Devo a êsse mestre o gôsto pelo estudo da Geografia em mim presente até hoje.

No fim do ano letivo, à época dos exames no Atheneu, Natal apresentava um aspecto diferente. Notava-se nas ruas a presença de pessoas estranhas. Eram estudantes de outros estados que vinham prestar exames aqui. Era voz corrente que os exames em Natal não primavam pelo rigorismo no julgamento das provas. Daí a visita de estranhos que aqui aportavam com um só fito — fazer exames.

“Repúblicas” e pensões surgiam para abrigar aquêles forasteiros, os quais se adaptavam ao nosso meio, dada à classica hospitalidade da terra.

De uma feita, numa dessasavas levas travei conhecimento com alguns estudantes tais como Acilino Leão, Euclides Dias, Flexa Ribeiro, nomes que, posteriormente se projetaram no terreno das letras.

Dêsse grupo destaque Flexa Ribeiro que fui encontrar tempos depois professor da Escola de Belas Artes no Rio. Já terminara o meu curso quando aqui chegou o Professor Vale

Miranda, português—contratado para reger a cadeira de Física, Química e História Natural, do Atheneu. Nosso curso, referente a essas disciplinas, — tinha sido feito da maneira mais deficiente.

Lembrei-me de bater à porta do Professor Vale Miranda na possibilidade de um curso particular. Em caminho encontro Alberto Roseli, recém-chegado da Suíssa onde estudara e inteiramente desambientado dos nossos programas de ensino.

Gentilmente recebidos pelo professor disse-nos êle da impossibilidade de iniciar a função de professor dada à falta de Laboratório, já encomendado, acrescentou.

A' saída, dirigindo-se a Alberto: "sei que o Sr. acaba de chegar da Suíssa e se veio da região alemã, bem que podia me dar algumas lições dessa língua, da qual estou muito esquecido".

Não sei o desfecho do caso pois dias depois partia eu para o Rio a iniciar o meu curso médico.



## -Atheneu-

Quem quer que se dirija hoje ao bairro da Ribeira, ao iniciar o percurso da Av. Junqueira Aires, vê logo após a Igreja Protestante, o edifício da Faculdade de Farmácia e Odontologia —no mesmo lugar onde existiu o Atheneu Norte Rio-Grande. Ali estudavam-se tôdas as matérias do curso secundário.

Rememorar a vida escolar do Atheneu é folhear um album de fotografias de família. Recordo o início do meu curso ali. Eu e mais 2 ou 3 novatos nos acercamos de um funcionário da Secretaria. Este senhor resolveu prontamente o nosso problema.

Solícito era uma providência para os recém-vindos como nós. Tratava-se nada mais nada menos, do Secretário Francisco Teófilo Bezerra da Trindade.

O curso iniciava-se sem uma nota marcante. Inda não existia a instituição do *trote*. Uma vez feita a matrícula — pronto — eram todos membros da mesma família. De início, tive como companheiros Silvino Bezerra, Regulo Tinoco, Alexis Morin, Felix Bezerra.

Companheiros de roda de palestras no intervalo das aulas. O ano letivo corria sem alterações.

Chegada a época dos exames, lá vinha a expectativa, cheia de dúvidas, do que ia acontecer.

Uma cadeira menos simpática ao estudo, um ponto mais difícil eram problemas que nos preocupavam. Mesmo assim a vida continuava rotineira.

Do corpo docente gratas recordações de alguns professores — João Tibúrcio — austero e amigo ao mesmo tempo, Zózimo Platão, Hermógenes Tinôco — sempre acompanhado de João Gualberto seu pupilo; Pinto de Abreu — a delicadeza em pessoa.

Mais adiante, na mesma rua, na residência de Celestino Wanderley, se apontava outro Cantão com características de ser um cantão familiar pois havia senhoras entre os seus mantenedores.

Nesse grupo João Nepomuceno Seabra Melo, Juvenal Lamartine, Manoel Coelho.

Outro Cantão se notava — não longe dali — era o da *Potiguarania* nome de um bilhar, propriedade de Ezequiel Wanderley, ali no fim da rua Vigário Bartolomeu. No mesmo prédio existe hoje um café caldo de cana.

Em frente ao bilhar um muro servindo de pano de fundo para o Cantão. Esse terreno é hoje a frente da Loja Singer.

Cantão de gente moça, trocando idéias sobre jornalismo, arte, tudo enfim, que no momento atraísse a atenção da cidade.

Componentes: irmãos Wanderley, José Pinto, Uldarico Cavalcanti, Aurélio Pinheiro, Antônio Marinho, Francisco Palma, entre outros.

Ali no começo da Avenida Junqueira Aires — no local da atual agência dos Correios era a residência de Cel. Gaspar Monteiro onde se reunia um grupo pouco numeroso mas selecionado. A nota dominante ali era a luta política. Gaspar era irmão de Tobias Monteiro, nome de grande destaque no jornalismo e nas rodas políticas do Rio. Westremundo Coelho era a eminência parda desse conclave seguido de Umbelino Melo e Nascimento Castro.

A Ribeira não podia fugir à regra contando dois cantões, ambos eminentemente políticos — um sito à Farmácia de Zé Gervásio e outro na vizinhança do Hotel Internacional, ou como era mais conhecido — Hotel Evaristo.

Frequentavam estes cantões — Francisco Amintas de Costa Barros, Oliveira, Augusto Leopoldo, Amorim Garcia.

# Associações Literárias

A vida literária de Natal à época em que está sendo enquadrada esta palestra pode ser considerada em 3 departamentos distintos.

No primeiro plano o “Grêmio Polimático”, constituído pelos maiores da terra que se davam às belas letras. Superioridade em posição social, facilidades materiais, enfim tudo quanto é necessário para vencer possuía esse grupo. Nas suas fileiras apontavam-se Alberto Maranhão, Antônio de Souza, Henrique Castriciano, Pedro Avelino.

A Revista do Instituto Histórico dava guarida aos seus escritos.

Logo em seguida vinha o “Congresso Literário”, com o seu órgão na imprensa “A Tribuna”. Seu grupo mantenedor — José Pinto, os irmãos Wanderley, Francisco Palma, Antônio Marinho, Aurélio Pinheiro.

E por fim — the last but not the least — o Grêmio Literário “Le Monde Marche” vindo à luz em 1894, sob a égide de Peletan, sendo a sua vida um dos mais expressivos capítulos da história literária da Potiguarania.

Era o grupo literário mais jovem e mais pobre, possuindo como capital uma grande dose de idealismo e um nobre anseio de vencer. A lampada do seu ideal permaneceu acesa — por mais de uma década. Os obreiros do “Le Monde Marche” não constava isto dos seus estatutos — uma vez admitidos no cenáculo eram artífices para tudo que se referisse à vida do Grêmio.

Na imprensa seu órgão o “OASIS” era escrito, composto tipograficamente e distribuído aos seus leitores pelos sócios de “Le Monde Marche”.

Não há muitos casos semelhantes a esse. Quando penetrei no seu quadro social este não era muito numeroso.

Lembro-me salvo algum lapso de memória, de Alfredo Carvalho, Cornélio Leite. Cícero Moura, Hervêncio Mariano, João Cândia, Uldarico Cavalcanti, Aurélio Pinheiro, os irmãos Fernandes (Sebastião e Raul) Antônio Soares, Alcino Carneiro, Galdino Lima. Esse grupo, tôdas as tardes, se reunia no seu *bureau* — cubículo situado nos fundos do prédio então ocupado pela Chefatura da Polícia à rua da Conceição.

Mantínhamos ali nossa séde, nossa oficina tipográfica (3 caixas de tipos e um prelo manual) e nossa redação tudo isso nos custando o aluguel mensal de 10.000 reis.

Como mobiliário uma mesa, um armário, 4 cadeiras e alguns caixotes, estes variando de número ninguém procurando saber a razão disso.

Nossas tertúlias se prolongavam até o anoitecer. Palestrava-se, discutia-se, trocavam-se idéias sôbre vários assuntos, tudo num tom ameno, na mais estrita cordialidade.

Alfredo Carvalho, dominava o ambiente. Ele era o nosso LEADER. A ele competia achar solução para todos os nossos problemas, era sempre dele a última palavra para a solução dos nossos casos. Quantas reminiscências desses companheiros!

Galdino Lima e Sebastião Fernandes já acadêmicos de Direito em Recife, na época das férias, traziam-nos casos novos de literatura que de outra maneira não chegariam até nós. Sebastião, então, era uma crônica viva da Mauricéa Literária.

Uma feita, citava ele com abundancia de detalhes — o fato de um professor — jurista e poeta (tratava-se de Gervásio Fioravanti) — o qual, após a lição, instigado pelos alunos palestrava sobre literatura citando, algumas vezes, algumas de suas produções. E numa dessas vezes citou o seu belo soneto "Ultima Página". E Sebastião repetiu a produção:

### ULTIMA PAGINA

Tu que me lêes, demora olhar, querida  
Nesta sombria fôlha amargurada  
Traçou-a mão de te acenar cançada,  
Ditou-a uma alma já de ti vencida.

O sonho, o orgulho, a glória apeteçada  
Aos outros guiam na arenosa estrada,  
Mas eu fiz só de ti ó doce amada,  
O sonho, o orgulho, a glória desta vida.

Se acaso tu suspeitas desta chama  
Que eu escondo de ti mas que tão cheio  
O coração me tem que se derrama,

Tu, bela flôr, por quem eu choro e anseio  
Vê se descobres, de minh'alma o drama  
Rasga esta folha e esconde-a no teu seio.

Inda bem Sebastião não findara a declamação do soneto e já uma idéia se me encastoara no espirito — incluílo-o no meu repertório e declamá-lo na próxima ocasião. Essa idéia fixou-se no meu cérebro como no caso daquelle personagem de Machado de Assis.

Dois ou três versos já os retivera na memória. Se Sebastião repetisse a “Ultima Página” eu me arranjaría para conseguir o resto. A oportunidade tardou mas veio e eu já agora, prevenido e armado de papel e lapis consegui o que desejava. Decorá-lo foi questão de pouco tempo. Tinha uma novidade para recitar no primeiro “assustado”, o que aconteceu pouco tempo depois na residência de Uldarico. Foi um successo pela novidade. Sebastião que também recitava teve notícia disso. Compreendeu o lôgro, nada disse mas o amúo durou vários dias.

\* \* \*

A vida do “Le Monde Marche” corria rotineira com os seus costumeiros problemas, mais ou menos vencidos pela pertinácia e *savoir faire* de seu mentor Alfredo Carvalho — viga mestra da instituição.

Manter a publicação do *OASIS* era a nossa constante preocupação com exigências de meios para obtenção do papel e tinta. Esse problema se acentuava nas proximidades do mez de setembro, mez do aniversário do Grêmio, quando habitualmente lançávamos uma edição especial, com maior numero de páginas e com uma colaboração mais cuidada.

De uma feita nas proximidades de nossa data máxima, nos vimos na impossibilidade de adquirir papel para a nossa edição comemorativa. Por isto, todos nós andávamos cabisbaixos. Num momento alguém lembra; — “Se fêssemos ao Elias Souto, do “DIARIO”, dizer-lhe da nossa situação? Idéia aprovada por todos, lá fomos. O “DIARIO” era nosso vizinho ali na rua da Conceição. — era só atravessar a rua. O velho jornalista, tão temido pelas suas atitudes no jornalismo natalense, lá estava na sua *chaise longue* de hemiplegico.

Achou graça das nossas aperturas. — “O que? Papel para a edição comemorativa do “OASIS”? Isto não é problema! “E no mesmo instante agitando uma campanha deu providências atinentes ao nosso caso. Momentos depois saíamos da redação do “DIARIO” levando debaixo do braço o papel de que precisávamos.

A bondade do bravo jornalista livrou-nos do apêto.

\* \* \*

Na cidade de Macaiba havia uma sociedade literária — a Tobias Barreto — com a qual mantínhamos relações das mais cordiais. Em nossas sessões comemorativas — uma comissão de sócios da “Tobias Barreto”, estava sempre presente com os votos de amizade de nossa co-irmã. E pagávamos na mesma moeda. Na aproximação da data de sua fundação lá nos chegou um dia o convite.

Alfredo Carvalho, nomeou logo a comissão representativa do LE MONDE MARCHE — Sebastião Fernandes, orador, Cícero Moura e eu. A data festiva da “Tobias Barreto” caia um sábado. Acontece, porém, — que desde o começo da semana, começou a chover. Segunda feira, terça, quarta-feira

e nada da chuva parar Na quinta feira estorou a bomba no nosso *bureau* — a lancha — único meio de transporte para Macaiba não faria a viagem. Assim decidira o Chico Brito — senhor absoluto da mesma lancha. Justificando sua resolução dizia êle: — “mesmo que a chuva cesse hoje não conduzirei a lancha. Com essa chuvarada o Potengi não está para brincadeira sem falar que, em Macaiba, ninguém poderia saltar, pois, o desembarcadouro é um lamaçal. Não contem com a lancha para essa viagem”.

Mesmo sem conhecer a resolução de Chico Brito, já Sebastião, com medo da chuva, desistira de integrar a comissão. — “Não vou, disse, mas qualquer outro membro da comissão poderá ler o discurso que aqui está e dizendo isto passava às mãos de Alfredo Carvalho 4 laudas de papel, contendo o discurso. “Incontinenti” fui investido das funções de orador substituto. Seria eu a ler o discurso de Sebastião.

Tudo isto, porém, deu em nada pois o tempo continuou impedindo a nossa ida a Macaiba. Foi pena. O discurso era bonito e começava assim: —

“Privado, Senhor Presidente infelizmente privado do talento fulgurante do orador que prende e encanta, já pela beleza da frase já pela elevação do pensamento... e por ai á fora.

A semelhança do que fizemos em relação aos companheiros do Atheneu continuemos a folhear o album de fotografias da família do “LE MONDE MARCHE”.

Sebastião Fernandes — por várias vezes falou-me de uma coleção de versos pronta a ser publicada. Um dia mostrou-me 2 composições da mesma e qué eu guardei de memória até hoje.

São duas delicadas miniaturas que poderiam figurar, sem favor, no “INTERMEZZO” de HEINE.

A primeira:

Fôsse o meu coração o lírio branco  
Que em tuas mãos gentis  
Dilaceras num riso alegre e franco  
eu seria feliz...

— A Segunda:—

### C R E S O

Fizesse Deus dos astros mil tesouros  
E um grande cofre d'amplidão  
E dissesse — são teus — És venturoso?  
— Eu lhe diria — Não!

Désse-me a posse de altaneiras damas,  
Ouro e poesia, encanto e sedução  
E perguntasse depois — És venturoso?  
— Eu lhe diria — Não!

Fizesse-me qual Job, leproso e pobre,  
Mas desse-me o teu riso e amor ideais,  
E então, perguntasse: — És venturoso?  
— Eu lhe diria — Demais!

Não tive ensejo de acompanhar a existência de Sebastião pois a vida, ou antes o destino, nos separou.

De Antônio Soares, o grave e circunspecto Desembargador de hoje, não é descabido aqui em episódio do seu tempo de acadêmico no Recife. Ali encontrou êle o seu amigo José Roque — naquela situação de “amoroso enleio” como diria Camões. José Roque apontando a noiva lhe disse “Ser noivo é ser ditoso”.

Antônio Soares olhou-o — talvez com inveja — e guardou o dito. Dias depois mandou-lhe, à guisa de resposta, o soneto.

*Ser noivo é ser ditoso, tu me dizes  
Convicto, porém sem ti lembrares  
Que há noivos, como tu, juntos felizes  
E há noivos separados pelos mares...*

Se tens, para que as máguas amenizes,  
De tua noiva lúcidos olhares  
Quantas existem, noivos infelizes.  
Abrigados à sombra dos pezares.

Vives sempre de olhares e de risos,  
Eu sofrendo da ausência as crueldades  
Tenho às vezes momentos indecisos...

Que diferença, agora, entre deidades  
A tua noiva vive de sorrisos,  
A minha noiva morre de saudades...

Este soneto caiu nas graças do povo. Tornou-se conhecido, declamado por tôda a cidade.

Dona Evangelina Barros e Waldemar de Almeida puzeram-lhe uma linda moldura musical e todo o mundo o cantou.

Seria injustiça esquecer aqui Uldarico Cavalcanti, outro de nossos legionários, espírito ágil, ótima palestra, tendo sempre *un bon mot* para o assunto em tela. Versejava pouco mas com esmero.

Uma amostra do seu estilo:

### NOSSA FORTUNA

Que somos pobres pondera o abjeto  
mundo repleto de vil rancor,  
— Isso que importa meu ser dileto?  
— Eu serei rico do teu afeto  
— Tu serás rica do meu amor...

As contingências da vida, o que vale dizer o Destino, como uma rajada de vento forte, nos dispersou a nós do OASIS.

Alfredo Carvalho exilado para uma Mesa de Rendas no interior do Estado, Aurélio Pinheiro lá se foi para Amazônia onde se revelou romancista, Uldarico Cavalcanti a iniciar sua vida burocrática no Sul do País, Cornélio Leite já preso a um tabelionato em Macaíba, eu viajando para o Rio a iniciar o meu curso médico.

Nossas fileiras assim desfalcadas receberam porém novos legionários, com o mesmo idealismo e o nosso Pendão continuou a fraldejar aos ventos de todos os quadrantes.

## - Imprensa -

Na imprensa diária de Natal faz jus a um destaque especial "A REPÚBLICA" órgão do govêrno. Eminentemente político, criação de Pedro Velho o chefe incontestável da política potiguar.

Em seguida, pela antítese de suas idéias, registra-se o "DIARIO DE NATAL, denodado órgão da opposição, propriedade e vivendo sob a direção de Elias Souto, intransigente adversário da política dominante do Estado.

Logo em seguida a "GAZETA DO COMÉRCIO", vindo á luz sob a direção de Pedro Avelino, de parceria com Augusto Leite na gerência, e tendo sua séde, à rua 13 de Maio, visinha à Livraria Cosmopolita, de Fortunato Aranha.

Um dia sou procurado por Gotardo Netto, da Gazeta, o qual era portador de um convite de Augusto Leite para trabalhar ali.

Atendi ao apêlo e Augusto Leite recebeu-me como um velho conhecido não obstante ser a primeira vez a estarmos juntos. Era difícil, logo de início me apercebi, achar uma pessoa mais afável do que Augusto Leite, o qual logo foi explicando a situação da fôlha — o Redator Chefe em viagem, doente, isto, porém não devendo afetar a norma de vida do jornal na sua publicação diária. "Neste particular, continuou êle, você pode nos auxiliar muito".

Entrei logo em ação d'ali por diante vi quanto me fôra precioso o treino por mim adquirido no OASIS.

Conhecendo composição e revisão me ambientei logo com o trabalho, podendo disso dar testemunho o illustre advogado, meu particular amigo, penso aqui presente, o Dr. Francisco Ivo, na época, tipógrafo da Gazeta.

Gotardo e eu fazíamos a fôlha — notícias locais, informações várias, jornais do Recife vindos pela Great Werthern nos dando boa cópia de material, ai entrando em cena como é universalmente usado, a colaboração preciosa da cola e da tesoura.

A's quatro horas tirávamos uma prova de esçova logo remetida ao Dr. Antônio de Sousa quando não a Henrique Castriciano para o devido contrôle.

Glosávamos, espichando o mais possível, qualquer fato *capaz de quebrar a monotonia, a pacatez da vida citadina.*

Minha inclusão na equipe da Gazeta, nas condições já referidas, deu-me uma espécie de passaporte, para ingressar em certas rodas.

O Serviço de Obras do Pôrto, anunciava que conseguira dinamitar a “Cabeça de Negro” — rochedo que obstruia o canal de acesso ao pôrto. Isto permitiria a entrada de qualquer navio.

Dias depois o “PLANETA” do Lloyd transpunha a barra embandeirado em arco. Uma festança. Todo o comércio, a Associação Comercial à frente, promove uma série de festejos. Recepção às autoridades. O “Planeta” atracado ao cais recebe a vista da população. Banquete. Um dia cheio. Farta descrição das festas enchendo colunas e colunas da “Gazeta”. E para terminar, para alegria nossa, como fecho da notícia: “Esta Redação agradece penhorada, as atenções dispensadas ao nosso representante, nosso companheiro de Redação... E o meu nome... Com tôdas as letras. Nesse dia não foi pequena minha satisfação.

\* \* \*

Diariamente ali pelas 5 horas — jornal pronto, subimos palmilhando a Avenida Junqueira Ayres.

Ponto de parada obrigatória no Cantão da Potiguarania já a esta hora em pleno funcionamento. Aderíamos ou não ao que estava sendo comentado.

De uma feita — com a palavra o Dr. Celestino, o assunto era o “verso alexandrino”, na sua opinião *pouco harmonioso*. — Não vou com o tal alexandrino” — continuava êle, comigo é só no decassílabo”. Aquilo chocou-me, e de sopetão tive uma idéia, mas fiquei calado.

Dias depois veio à baila o mesmo assunto — a acusação ao verso alexandrino. Aí intervi dando plena razão ao Dr. Celestino e em apoio da tese disse: — Vejam se há alguém a quem não agrade versos como estes:

“Sôbre as águas deslisa o batel docemente,  
sopra o vento a gemer, treme enfunada a  
[vela..

O Dr. Celestino, eufórico, ia aplaudir minha citação quando o riso de tôda a roda fê-lo voltar à Realidade. A beleza dos alexandrinos de Bilac cortava pela raiz sua ogerisa ao verso alexandrino. O Dr. Celestino ficou amuado comigo vários dias.

Segundo Wanderley — o Dr. Segundo, sempre me distinguuiu com a sua amizade.

A data do centenário de nossa descoberta seria comemorada aqui com um programa artistico-literário a ser realizado no Palácio do Govêrno.

Representando a Gazeta lá estávamos eu e Gotardo Netto. Salas profusamente iluminadas. Começam a chegar os primeiros convidados. Em certo momento sinto ao meu lado o Dr. Segundo horrivelmente resfriado, espirrando continuamente. — “Olha em que estado me encontro” — disse-me êle — Tinha que dizer alguma coisa, êste maldito defluxo, cortou-me, porém, as asas”. Só consegui fazer êste soneto que vais entregar a alguém da mesa. Que alguém o recite por mim”. E dando-me uma folha de papel meio amarrotada saiu, sempre aos espirros,.

Sem demora passei a às mãos de Henrique Castriciano, aliás o orador da festa. Tratava-se do *Soneto da Descoberta*, posteriormente mudado de nome:

Céu de safira, velas enfunadas,  
Bando fugaz de garças, soberana,  
Rasgando o Tejo, a frota lusitana  
Vai a caminho de glórias encantadas.

Noites sombrias, tétricas lufadas  
Escarcéus a rugir em furias insana,  
Nada muda a galera que se ufana  
De ter na pôpa o signo das Cruzadas.

Mas da Líbia candente a calmaria  
A derrota lhe muda — quando um dia  
“Terra! grita a maruja alviçareira,

Como Vênus, então, das águas cérulas  
Surge num banho oriental de pérolas  
Da Terra Santa a virginal palmeira.

Por motivo que me escapou, certo dia anunciou-se na cidade uma festa religiosa em honra do Bispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques.

O ponto alto da comemoração seria o sermão de D. Adauto, tido e consagrado como bom orador. Augusto Leite foi logo dizendo: A Gazeta precisa dar uma boa notícia desse sermão, e, tocou-me no ombro.

No dia aprazado fui à Igreja, ouvi o sermão, aliás boa peça, — retive do mesmo algumas frases e saiu a noticia.

Dias depois à hora de “cozinharmos” a folha entra-nos pela redação a dentro S. Excia o Bispo D. Adauto. Visita de cortesia, e de agradecimento, no seu dizer, pois a notícia da Gazeta, lhe agradara pela fidelidade.

Bom *causeur* o Bispo cativou-nos com a sua palestra. Fui apontado como o autor da notícia, e o Bispo — boa memória, hein? Também não admira, na mocidade é natural o dote de possuir boa memória”. “No meu tempo de seminarista, às vezes, não dava a confiança de abrir o Horácio, na aula de latim. Sabia de cór odes e odes. E ainda hoje,

*Deo Gratias*, continuó a ter boa memória, e como afirmativa disso referiu: — “No Seminário de Olinda, no meu tempo de estudante, tínhamos um Reitor madrugador como o melro de Junqueira.

De manhãzinha costumava êle sair para um passeio pelos arredores da velha Olinda. Não gostava de ir sozinho, qualquer pessoa servia-lhe de companhia.

Uma vez calhou ser eu a pessoa escolhida para acompanhá-lo. Saimos da cidade Já estávamos em pleno campo. Continuamos o nosso passeio... De repente, avistámos à nossa frente um homem tangendo umas cabras.

O Reitor chamou-o às falas ficando, porém, sem resposta. Bateu, então, palmas, ai então o bom homem voltou-se e sem *tir-te nem quarte*, em voz clara respondeu:

“Senhor, não batais as palmas  
Que nós não somos iguais,  
Vós sois o pastor das almas  
Eu sou pastor de animais

Sofro frio, sofro fome,  
Do tempo sofro os horrores  
Vós viveis entre os doutores  
Ao mundo serviis de exemplo,  
Eu no campo, vós no templo  
Nós ambos somos pastores...

E como esta amostra de sua boa memória findou a visita de D. Adauto à redação da Gazeta.

\* \* \*

José Pinto, do Congresso Literário, era na REPÚBLICA o homem que movimentava todo o maquinismo da fôlha. Diligente, de grande atividade, êle desempenhava as suas funções a contento de todos.

Pessoalmente era o rapaz que melhor se vestia em Natal. No que dizia respeito a gravatas então não se fala. Pos-

suia inúmeras cada qual mais vistosa. Era mesmo o seu *Violon d'Ingres*. Conhecido seu em viagem para Recife? Não escapava, era certo partir incubido de trazer-lhe gravatas das mais vistosas que encontrasse.

Esse elegante tinha, porém suas esquisitices... Um dia passa êle no Joca Lira, aliás o seu alfaiate e diz-lhe — “Faço umas calças com 2 metros? — “ Não, Zé Pinto você dessa altura precisa de 2 metros e 20” — Então, continuou êle, arranje-me 4 metros e 40 de brim de boa qualidade, pode ser H.J.

Espanto de Joca Lira — duas calças iguais, Zé Pinto?— Não, respondeu êle, é que eu quero umas calças bem largas, folgadas, logo preciso aumentar a fazenda.

A essa altura o brim já estava cortado e Joca Lira para não executar aquela encomenda tão extravagante pretextou falta de empregados, compromissos, atrasos, etc.

Zé Pinto saiu com o brim naturalmente à cata de outro alfaiate. Dias depois contava êle no Cantão da Potiguarania” as calças foram feitas, experimentei-as em casa, mas não tive coragem de sair com elas. Tinham, ficado um bocadinho larga”.

\* \* \*

Na Lisbôa Pombalina, houve um cura — Frei Rogério de nome, cuja personalidade se destacava no clero lusitano pelo seu alto saber e pela sua excessiva humildade.

Latinista emérito, orador de alto quilate, êle, no entanto, não confiava nos seus predicados, tanto assim que, no seu pensar, ouvi-lo num dos seus sermões era um sacrificio, tão sem valia julgava êle suas práticas.

Ao deixar o púlpito fazia sempre com estas palavras— “Perdoai, irmãos, a provação de me ouvirdes e logo hoje que me esqueci de ser breve”.

O famoso pregador lusitano, de há muito, partiu para a viagem de onde não se volta — posso, pois impunemente, valer-me de suas palavras — as mesmas que êle dizia quando findava um dos seus sermões. — “Perdoai o sacrificio de me ouvirdes”...





Este livro foi composto e impresso  
nas Oficinas Gráficas do SERVIÇO

DE ASSISTÊNCIA RURAL

Praça Pio X s/n

Natal — Rio G. Norte

